

OS DESAFIOS DA MULHER NA LIDERANÇA DAS ORGANIZAÇÕES* WOMEN'S CHALLENGES IN LEADING ORGANIZATIONS

Luciana dos Santos Frazão Chaves**
Edilson Diniz***

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

O mercado de trabalho vem se adaptando aos novos tempos, em que as mulheres estão assumindo a liderança de empresas e conquistando seu espaço, onde antes era território de homens com pensamento machista e patriarcal. A cada dia elas são reconhecidas por sua capacidade de liderar e trazer resultados grandiosos para suas empresas. Mesmo ainda sofrendo discriminações, preconceitos e assédios no ambiente de trabalho por serem consideradas um "sexo frágil", elas seguem firmes lutando por direitos iguais e por mais reconhecimento. Os números de mulheres nas empresas vêm crescendo muito nos últimos anos e tem mostrado cada vez mais a diferença de liderança entre homens e mulheres, mas apesar desse crescimento, elas ainda precisam lutar muito para conquistar oportunidades e um espaço igualitário ao do homem, pois elas ainda representam uma minúscula porcentagem nas lideranças de empresas. Mas se continuarem nesse caminho, logo conseguirão mais oportunidades para mostrar suas grandes capacidades de dirimir problemas nos ambientes de trabalho e melhores métodos de liderança.

Palavras-chave: liderança; trabalho; capacidade; reconhecimento; mulher.

ABSTRACT

The job market has been adapting to the new times, in which women are assuming the leadership of companies and conquering their space, which used to be the territory of men with sexist and patriarchal thinking. Each day they are recognized for their ability to lead and bring great results to their companies. Even though they still suffer

1* Artigo científico apresentado ao curso de Gestão em Recursos Humanos do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão em Recursos Humanos.

2** Graduanda do 4º período do Curso de Gestão de Recursos Humanos do Instituto de Ensino Superior Franciscano.

3*** Graduado em Administração e Marketing pela FAMA e Mestre em Ciências da Educação pela Escola Superior de Ensino João de Deus, Lisboa, Portugal.

discrimination, prejudice and harassment in the workplace for being considered a "weaker sex", they continue to fight for equal rights and more recognition. The number of women in companies has grown a lot in recent years and has increasingly shown the difference in leadership between men and women, but despite this growth, they still need to fight hard to conquer opportunities and an equal space with men, because they still represent a tiny percentage of company leadership. But if they continue on this path, they will soon have more opportunities to show their great ability to resolve problems in the workplace and better methods of leadership.

key-words: leadership; work; capacity; recognition; woman.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as mulheres vem conquistando aos poucos um espaço de liderança nas empresas, demonstrando grande competência para aumentar a produtividade e resolver grandes problemas, mostrando cada dia mais que lugar de mulher é aonde ela quiser, e que não se limita a ficar só em casa sendo responsável pela limpeza e cuidado com os filhos, elas lutam todos os dias para conquistar direitos iguais aos homens, sem serem menosprezadas, humilhadas e com salário abaixo do que deveria ser. Mesmo sendo oprimidas elas acharam uma forma de se curar e continuar lutando pelos seus direitos, a cada dia transformando uma resposta negativa em positiva, tentando resistir a todas as ofensas e humilhações, sempre buscando apenas a igualdade, o respeito e oportunidades.

Este trabalho tem como propósito expor tudo que as mulheres passam atualmente nos ambientes de trabalho, sofrendo com a discriminação e o assédio, além da pressão psicológica que sofrem diariamente. Será mostrado a grande diferença de liderança entre homens e mulheres e também como aos poucos elas estão conquistando mais espaços e oportunidades de liderar uma organização, utilizando de seus próprios métodos para conquistarem seu sucesso, mesmo as mulheres ainda sendo uma pequena porcentagem dos cargos de liderança nas empresas, elas estão fazendo uma grande diferença.

Esta pesquisa tem o intuito de mobilizar os leitores sobre a importância de valorizar esta luta, apoiar as mulheres e mostrar o quanto foi e ainda é difícil ser mulher na sociedade, tentando conquistar um espaço e voz nas lideranças das grandes organizações, como é difícil superar os obstáculos e dificuldades sofridas diariamente, mostrar quais são os pontos positivos de ter mais mulheres nas lideranças e como elas lidam com certas situações, usando de sua inteligência emocional e seu grande pensamento ético. Elas têm tanta capacidade quando o homem de fazer qualquer coisa e deve-se inspirar as meninas e mulheres que elas podem realizar qualquer tarefa tão bem

quanto um homem, muitas mulheres passam sua vida inteira reféns de um pensamento de insuficiência e incompetência por conta do ambiente machista em que vivem e isso deve mudar.

O tema é de enorme relevância para a atualidade, pois se trata de um assunto que tem um marco histórico, onde se vê a grande luta e perseverança das mulheres para possuir o direito ao trabalho digno e justo em meio a um mundo extremamente machista, sem caráter ou ética. As injustiças que as mulheres sofrem desde os séculos passados devem ser valorizadas e informadas a todos para que não sejam esquecidas ou encobertas, a voz das mulheres não deve ser calada e a busca pela igualdade não deve parar.

A cada dia vemos que as oportunidades para as mulheres vêm aumentando, assim como vemos que a violência contra elas também aumenta, infelizmente, muitas sofrem por causa do pensamento de ódio e machismo que homens tem contra mulheres que estão conseguindo ter sucesso em sua carreira ou que simplesmente não aceitam serem tratadas como escravas dentro de sua própria casa.

Uma mulher deve ser incentivada por sua família desde muito cedo que ela não deve tolerar ser tratada de qualquer forma, que deve se impor e pensar por si mesma, ter noções de que não deve se limitar em escolher uma profissão ou como vai viver sua vida. Impor para a mulher que o destino dela é ter muitos filhos, cuidar de sua casa e ser totalmente submissa a seu marido é algo que já não deve ser feito, a mulher deve ser ensinada que ela pode ser independente, que ela tem escolhas ilimitadas. A mulher ainda pode escolher ter sua família, mas que ela não seja totalmente dependente emocional e financeiramente de seu marido, para que se um dia ela não se sentir bem com seu relacionamento, possa seguir em frente sem se preocupar com dinheiro ou moradia.

Este artigo se desenvolverá em quatro capítulos, onde no segundo capítulo abordasse-a o contexto Histórico e as Conquistas das Mulheres na Luta pelos Direitos a Igualdade de Trabalho; no terceiro será citado a fundo a evolução da luta das mulheres tanto no Brasil como no mundo; já no quarto tratar-se-á do feminismo nos dias atuais, como as mulheres e a sociedade atual lida com o feminismo, como a mulher concilia família e trabalho.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

No século XVIII, as mulheres já não suportavam mais a imensa exploração que estavam sofrendo, eram obrigadas a ter uma jornada de trabalho que chegava a 17 horas diárias, trabalhavam em contradições precárias e sofriam abusos. Elas tinham que suportar trabalhar em condições horríveis de insalubridade nas fabricas, muitas mulheres se feriam gravemente

e mesmo antes dos 30 anos muitas ficavam inaptas a trabalhar por causa das sequelas deixadas por anos de aspiração de pó de carvão, por exemplo. Pois não havia nenhum tipo de segurança, não haviam acessórios para impedir que se machucassem e as máquinas por serem muito grandes eram muito perigosas, mesmo assim, elas ainda suportavam tudo porque precisavam do dinheiro, mesmo ele não garantindo o mínimo para suprir suas necessidades básicas.

Entre o período de 1760 a algum momento entre 1820 e 1840, se iniciou a chamada Revolução Industrial, decorrente das grandes transformações nas relações de trabalho, essa Revolução resultou em uma grande insatisfação dos trabalhadores. Esse movimento estava promovendo mudanças radicais nas fábricas, desta forma, as mulheres aproveitaram para dar início a sua luta por direitos iguais.

As mulheres estavam muito infelizes e cansadas das explorações e isso as incentivou a intensificarem sua luta pelos seus direitos, elas realizaram uma série de manifestações na tentativa de serem ouvidas. Em 8 de março de 1857, durante um desses protestos, 129 operárias da fábrica de tecidos Cotton, em Nova Iorque, paralisaram os trabalhos em busca do direito a uma diminuição na jornada de trabalho, exigindo que sua carga horária diminuísse para 10 horas diárias. Elas foram reprimidas de maneira extremamente violenta pela polícia e em busca de um lugar seguro e fugir dos militares, elas tentaram se refugiar nas dependências da fábrica de tecidos onde trabalhavam, foram trancadas pelos seus patrões e pelos militares que, logo após trancaram elas lá dentro, atearam fogo à fábrica, cruelmente assassinando carbonizadas todas as tecelãs, esse dia tornou-se um marco histórico.

Então, 60 anos após esse massacre, em março de 1917, tecelãs russas entraram em greve utilizando o simbolismo desse dia, contra Czar Nicolau II e contra a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial. A força daquelas mulheres precipitou movimentos que marcaram o início da Revolução Socialista na Rússia, há cem anos. Após isso, até a década de 1920 o dia 8 de março passou a ser celebrado como o Dia da Mulher, mas logo a data caiu no esquecimento.

As mulheres retornaram com o movimento feminista na década de 1960, recuperando o dia simbólico de 8 de março como o Dia Internacional da Mulher. Porém, somente em dezembro de 1977 a ONU (Organização das Nações Unidas) reconheceu oficialmente essa data. Dois anos antes da ONU reconhecer essa data, ela patrocinou uma conferência que aconteceu no México, realizada no dia Internacional da Mulher e que contou com a participação de 8 mil mulheres representantes de 133 países, onde a ONU definiu o ano de 1957, como o Ano Internacional da Mulher. Isso decorreu em uma grande evolução na luta das mulheres, houve o surgimento de novas organizações e instituições voltadas a igualdade de gênero.

Em 1997, outra grande evolução ocorreu, a criação da Comissão de Mulheres da Coordenadoria das Centrais Sindicais do Cone Sul, que tinha o objetivo de estudar e analisar sobre os impactos das mudanças econômicas, políticas e sociais sobre o trabalho das mulheres. Em 2000 foi iniciada a

primeira Marcha Mundial das Mulheres (MMM). Sob o lema "2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista". O movimento se iniciou no dia a dia Internacional da Mulher, 8 de março e terminou em 17 de outubro, com a participação de seis grupos de 152 países e territórios.

3 A EVOLUÇÃO NA LUTA DAS MULHERES

3.1. Os principais momentos do feminismo

Os movimentos referentes ao feminismo foram divididos por feministas e intelectuais em três momentos: o primeiro foram as conquistas das mulheres com o movimento sufragista; o segundo foi a libertação feminina; e o terceiro foi a promoção dos direitos jurídicos. A mulher sempre foi vista pelo homem como um sexo frágil, incapaz de ter um posicionamento e uma voz, além de serem excluídas dos cargos e locais importantes, os homens tinham como base esses pensamentos preconceituosos, para desmerecer as mulheres e dizer que elas não tinham capacidade de tomar decisões ou falar por si mesmas, sempre as oprimindo de maneira agressiva. Um exemplo disso pode ser visto na luta das mulheres pelo direito ao voto, o chamado Movimento Sufragista, que ocorreu entre o fim do século XIX e o início do século XX, esse movimento foi organizado pelas mulheres para alcançar o sufrágio (voto), uma maneira de ter voz e o direito de escolher. No início das eras democráticas o sufrágio feminino foi negado pelos políticos, pois eles tinham como base uma organização sexista, que excluiu as mulheres e deixava o domínio nas mãos dos homens.

Esse movimento representou também a primeira onda do feminismo, além do direito a participação política, as mulheres também buscavam pelo direito à educação (a maior parte dessas mulheres fazia parte da burguesia), o trabalho em suas áreas que se especializaram (sendo que, o trabalho feminino nas indústrias e nas manufaturadas já acontece a pelo menos 200 anos) e ao direito de se divorciarem de seus maridos. O movimento sufragista é considerado o ápice da luta das mulheres e por esses motivos é considerado um marco na história do feminismo, que lutou contra o sexismo e a favor da igualdade entre homens e mulheres.

A Nova Zelândia foi o primeiro país a aceitar o voto feminino em 1890, após as mulheres neozelandesas iniciarem uma grande luta. A notícia dessa conquista repercutiu até chegar na Inglaterra, logo após as mulheres inglesas tomaram a mesma iniciativa de começar o movimento sufragista, mas

essa luta resultou em acontecimento mais trágicos. Suas ações eram baseadas em quatro frentes: campanhas publicitárias, manifestações não violentas, manifestações violentas e greves.

Nesse período muitas mulheres foram presas, foi uma forma que o governo encontrou de oprimi-las e de findar essas ações. O governo fez isso pois, além do direito ao voto elas também lutavam pelas melhores condições de trabalho, já que possuíam um salário inferior ao dos homens e eram a maioria trabalhando nas indústrias, enquanto todos os homens estavam lutando na Grande Guerra. O auge desse movimento na Inglaterra aconteceu em 1913, quando uma professora chamada Emily Davison se sacrificou pelo movimento e morreu após se jogar na frente do cavalo do Rei João V durante uma corrida, ato que chamou a atenção de todos. Decorrente ao ato de Emily, as mulheres do movimento sufragista ganharam ainda mais força para lutar e em 1918, finalmente conquistaram o direito ao voto de mulheres com mais de 30 anos. Somente 10 anos depois conquistaram a igualdade democrática, podendo votar com 21 anos, a mesma idade estabelecida aos homens.

Após o sucesso na Inglaterra, o movimento continuou nos Estados Unidos, de forma mais tranquila e juntamente envolvendo as questões raciais, pois mulheres negras além de lutarem pelo sufrágio também queriam a igualdade racial. O voto feminino foi conquistado em 1920, mas somente em 1960 que mulheres e homens negros puderam ter direito ao voto em todos os Estados do país, pois o movimento feminista da primeira onda também lutou pela abolição da escravatura.

No Brasil o movimento também se iniciou no século XIX, em 1890, mas foi negado pelos políticos com a desculpa de que "isso poderia decretar o fim da família brasileira". Somente em 1932 as mulheres conquistaram o direito ao voto a partir dos 21 anos, sendo que somente mulheres alfabetizadas, que tivessem autorização dos maridos, fossem viúvas ou solteiras com renda própria teriam esse direito. No século XX se iniciou a segunda onda feminismo, chamada a libertação feminina, que ocorreu na segunda metade de 1960, essa onda marcou a conquista de mais espaço para as mulheres e o direito de serem ouvidas pela sociedade. Esse segundo movimento se estendeu até o ano de 1980, recebendo o slogan "O pessoal é político", frase criada pela feminista Carol Hanisch.⁴ A nova onda percebeu que o problema da desigualdade vinha tanto das questões políticas, quanto das questões culturais, tentando combater as estruturas sexistas e na luta para serem finalmente politizadas e terem acesso aos governos.

A frase "Libertação das mulheres" criada em 1964, foi dita pela primeira vez nos Estados Unidos, e teve grande importância para esse segundo movimento. As mulheres feministas também deram ênfase aos problemas conjugais, elas queriam seu direito ao divórcio, caso não tivessem mais interesse ou sentimentos pelo seu parceiro querem ter a escolha de se separarem, e assim poder desfazer seu contrato matrimonial. As mulheres

4 Ativista feminista radical

queriam a sua emancipação, livrando-se de sua inteira submissão ao marido sem que isso lhes causasse danos físicos ou psicológicos para a vida inteira, tendo a possibilidade de ser feliz novamente. A Lei 4.121 de 1962, proporcionou às mulheres o direito ao divórcio, assim lhes libertando da inferioridade e submissão em que viviam.

A terceira onda foi uma continuidade da segunda, porém focada em corrigir erros e lacunas deixadas anteriormente. Se inicia em 1990, por mulheres que queriam o direito de dizer o que era bom ou não para elas, elas não queriam mais serem obrigadas a viver somente para o lar e a casa, o movimento apoiou mulheres brancas de classe média-alta que viviam essas experiências. As mulheres negras também tiveram grande participação durante esse movimento, ganhando destaque ao revelar tudo o que passavam e as diferenças de vivências entre mulheres com diferentes condições sociais e étnicas.

Para Simone de Beauvoir⁵: Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR, Simone, 2011, p. 9)

Nesse período as mulheres redefiniram suas estratégias onde possibilitou um maior florescimento de seu movimento, a terceira onda apresentou também o chamado *Feminismo da Diferença*, com o argumento de que há sim diversas diferenças entre os sexos, mas nenhum tipo de julgamento de valor deve ser colocado sobre eles, pois ambos têm igual status moral, também pode ser chamado *feminismo de gênero*. A maior diferença entre o homem e a mulher é o seu corpo físico, pelo fato de o homem ter biologicamente maior capacidade de força, ele foi considerado desde sempre como superior às mulheres, mas o feminismo da diferença sustenta que não se deve fazer uma separação entre os gêneros e que os dois merecem direitos iguais.

3.2 A luta das mulheres no Brasil

No Brasil foram quase dois séculos de luta pela emancipação conjugal das mulheres, iniciando-se em 1827, porém a sociedade ainda era muito controlada pela Igreja Católica que abominava a separação, somente em 1891, ante a grande insistência das mulheres, foi autorizado o divórcio tendo

5 Um dos maiores ícones do feminismo, foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

vários critérios para que fosse formalizado, no decorrer dos anos e combinando as mudanças de governos e presidentes o divórcio sofreu diversas alterações, mas somente em 2010 o direito foi finalmente aprovado no Brasil e se estende até os dias atuais.

Em 1985, foi realizada uma campanha pela redução da jornada de trabalho de 48 para 44 horas semanais sem redução de salário e contou com a participação de muitas mulheres. No ano seguinte aconteceu o primeiro Congresso da Mulher Trabalhadora, como desdobramento da primeira Conclat, de 1981. Em 25 de novembro de 1991, Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher, a campanha "16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres" teve início, ela mobiliza anualmente diversos atores da sociedade civil e poder público a fim de alertar a sociedade sobre diversas formas de violência contra mulheres.

Em 1997, outra grande evolução ocorreu, a criação da Comissão de Mulheres da Coordenadoria das Centrais Sindicais do Cone Sul, que tinha o objetivo de estudar e analisar sobre os impactos das mudanças económicas, políticas e sociais sobre o trabalho das mulheres. Em 2000 foi iniciada a primeira Marcha Mundial das Mulheres (MMM). Sob o lema "2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista". O movimento se iniciou no dia a dia Internacional da Mulher, 8 de março e terminou em 17 de outubro, com a participação de seis grupos de 152 países e territórios.

O Brasil junto com as mulheres trabalhadoras das Forças sindicais sempre marcou presença nas manifestações internacionais. Nas manifestações do março Mulher, que aconteceu em 2012, onde aconteceu uma grande passeata nas ruas do centro da cidade de São Paulo, contando com a participação de diversas entidades de movimentos sociais, estudantis, feministas e de moradia juntamente com as Centrais Sindicais.

"Mulheres na luta contra a opressão. "Abaixo o machismo e a exploração" e "Eu não sou miss, nem avião, minha beleza não tem padrão". Essas foram algumas das frases que as mulheres gritaram durante essa manifestação. Elas fizeram essa manifestação para reivindicar a obrigatoriedade da licença-maternidade de 180 dias; a aprovação da PL da igualdade - Um projeto de lei apresentado por elas, assim retomando novamente a luta pela igualdade no mundo do trabalho; também a aprovação da convenção 189 da OIT para tratar dos direitos das mulheres que trabalham como domésticas e também pela implantação da Lei Maria da Penha para a proteção e o fim da violência contra as mulheres.

3.1 Mulheres na Política

Até o século XX, a sociedade patriarcal possuía a imagem de uma mulher que tinha fins apenas procriativos e de afazeres caseiros, nunca se imaginaria, na época, que uma mulher chegaria ao poder. Por conseguinte, tal

imagem fora por água a baía quando, em uma província do Sri Lanka, Balangoda, irrompe Sirimavo Bandaranaike como a primeira mulher a ser nomeada chefe de governo. Sirimavo ocupou o cargo de premiê do Ceilão, atual Sri Lanka⁶.

No cenário brasileiro, a imagem de uma mulher caseira é rompida ao acontecer o que antes "impossível": uma mulher em um cargo político. Se trata de Alzira Soriano. Eleita prefeita em 1929, da pequena cidade de Lages, no estado do Rio Grande do Norte. Em seu discurso, Alzira disse que as atuais conquistas abrem uma clareira para o convencional, fazendo surgir uma nova faceta dos sagrados para os direitos da mulher.⁷ De igual modo, se ouve pela primeira vez uma voz feminina no Plenário do Tiradentes^a, a voz de Carlota Pereira de Queirós, médica paulista.

Por conseguinte, várias outras mulheres se destacaram no âmbito político. Por isso nas eleições de 1996, foram implantadas as políticas de cotas, seminários começaram a ser realizados com o intuito de discutir sobre a participação das mulheres na política, como incentiva-las a participarem da mais e estratégias para ampliar sua presença nesse meio, como elas se comportavam ao estar em um cargo de poder e argumentar sobre as temáticas mulher e poder. Em maio de 2000, do dia 16 a 18 de maio, foi realizado um seminário na Câmara dos Deputados, organizado pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria.⁹ Portanto, é notório que o papel feminino passou por uma série de metamorfoses até chegar a que é hoje.

Este trabalho pretende ser mais um espaço para reflexão e atuação no sentido da constituição das relações de **Igualdade entre mulheres e homens**. Nesses dois dias, avaliaremos as experiências com a política de cotas para as mulheres nas eleições legislativas do Brasil e na América Latina, além de socializar as informações e reflexões referentes à área da mulher e do poder e difundir as experiências das mulheres em poder. (BERNADI, Lara, 2000).

Um exemplo de mulher que teve grande participação política e teve grande importância foi a Ex-presidente Dilma Rousseff, ela foi a primeira presidente mulher do país, foi a 36^o Presidente da República Federativa do Brasil e terceira chefe de Estado

6 Trata-se de um país insular, localizado no continente asiático, no qual não possui fronteiras terrestres.

7 Cabe ressaltar que Alzira era filha de um influente político regional.

8 Então sede da Câmara dos Deputados do Brasil. Quando Carlota fora eleita, a Capital do Brasil ainda se encontrava em terras cariocas, tendo sua transferência em 21 de abril de 1960, dia de Tiradentes.

9 Se trata, nesse sentido, de uma organização não governamental brasileira, fundada em 1889 dedicada aos estudos de mulheres acerca do feminismo, direitos humanos, democracia e igualdade racial.

do. Quando jovem lutou contra a opressão da Ditadura Militar, foi integrante de vários grupos, todos de orientação marxista. Nesses grupos ela organizava manifestações, ensinava sobre o socialismo e escondia armas e documentos, mesmo não participando diretamente dos confrontos ela foi condenada à prisão apenas por ser contra a Ditadura Militar e ficou presa entre os anos de 1970 e 1972, enquanto presa era torturada para revelar informações sobre os outros integrantes dos grupos que participava, ela sofreu com choques, palmatórias e socos, inclusive devido aos socos recebidos ela teve a mandíbula fraturada.

Dilma deu um depoimento ao conselho sobre as torturas que sofria na prisão, ela relatou como foram os primeiros 22 dias de prisão onde sofreu varrias torturas psicológicas e físicas, em um treco do seu depoimento ela diz: 'Tinha muito esquema de tortura psicológica, ameaças. Eles interrogavam assim: 'Me dá o contato da organização com a polícia? 'Eles queriam o concreto. 'Você fica aqui pensando, daqui a pouco eu volto e vamos começar uma sessão de tortura. ' A pior coisa é esperar por tortura", disse no depoimento ao Conedh-MG¹⁰. Em consequência de sua prisão seus estudos na Universidade Estadual de Minas Gerais foram interrompidos e só retornou um depois de sair da prisão.

Apesar de todo sofrimento que passou ela continuou participando das causas políticas, a partir de 1980 ela exerceu vários cargos no seu Estado natal, Minas Gerais. Mas somente em 2010, quando já tinha 63 anos que ela se candidatou à presidência do Brasil, sendo eleita pela maioria dos votos e conseguiu se reeleger em 2014, assumido a gestão em 2015. Devidos a grande crise econômica que estava acontecendo, Dilma foi questionada por seus próprios aliados e acusada de probidade administrativa, aos isso o Congresso dos Deputados autorizou a abertura do Impeachment e em 2016 ela foi afastada pelo Senado Federal, tendo como substituto o vice-presidente Michel Temer, do PMDB¹¹.

4. O FEMINISMO NOS DIAS ATUAIS

A causa feminista ainda tenta vencer a histórica desigualdade de gênero, que em pleno século XXI ainda tem grandes proporções, percebemos isso ao ver os altos índices de violência contra a mulher, as diferenças salariais¹² entre homens e mulheres, as formas com as crianças são educadas cada uma de acordo com o que a sociedade impõe para cada gênero e os altos padrões de beleza feminina que são absurdos, mas que a sociedade insiste em

10 Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos

11 Partido do Movimento Democrático Brasileiro

12 Em uma pesquisa realizada em 2018, fora mostrado que a diferença percentual do salário entre homem e mulher chega a ser 44,7%.

impor às mulheres, o feminismo também mudou a família tradicional ao longo dos séculos.

4.1 Lei Maria da Penha

Maria da Penha Maia Fernandes é uma farmacêutica brasileira casada com o professor universitário Marco Antônio Heredia Viveras, também brasileiro. Em 1983, ela sofreu severas agressões por parte de seu marido e após isso ele ainda tentou matá-la duas vezes, na primeira tentativa ele atirou com uma espingarda contra ela, o que a deixou hospitalizada por alguns meses tendo que passar por diversas cirurgias, infelizmente, por causa da gravidade de seus ferimentos ela ficou paraplégica; a segunda tentativa ocorreu após ela retornar do hospital para sua casa, enquanto ela estava tomando banho ele tentou matá-la eletrocutada, mas felizmente não conseguiu.

Após isso ela recorreu à justiça e conseguiu uma ordem judicial para poder sair de sua própria casa, isso acarretou em uma cansativa luta para colocar seu marido na prisão. Em 1991, ela conseguiu que ele fosse condenado, mais a defesa do mesmo o libertou ao alegar que houve irregularidades no procedimento do júri. Em 1996, o caso foi reaberto e o condenaram novamente, porém, a defesa mais uma vez o libertou com a mesma alegação de irregularidade e o processo continuou em aberto por mais alguns anos, permitindo que Marco continuasse em liberdade.

Nesse tempo, Maria da penha contou sua história para o Brasil ao lançar seu próprio livro, onde expos todas as agressões que ela e suas filhas sofriam do marido. Ela não desistiu de tentar condena-lo, entrou em contato com duas organizações que aceitaram se juntar a ela em sua luta, o Centro pela Justiça e o Direito Internacional (CEJIL) e o Comitê Latino Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM). Em 1998, juntamente com essas organizações ela conseguiu levar seu caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Em 2001, a OEA condenou o Estado brasileiro por negligência, omissão e tolerância à violência doméstica contra as mulheres. Foi indicado ao Estado finalizar o processo penal do agressor de Maria da Penha; investigar as irregularidades e atrasos no processo; remunerar simbólica e materialmente a vítima decorrente da falha do Estado ao oferecer ajuda necessária; e a implantação de políticas públicas para prevenir, punir e extinguir a violência contra as mulheres. Com isso, o governo se viu obrigado a fazer algo que fosse eficaz para a prevenção e punição da violência doméstica contra a mulher.

Assim, em 07 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha foi aprovada pelo congresso por unanimidade, essa lei foi considerada a terceira melhor lei do mundo pela ONU. Logo, a violência contra a mulher que era considerada um crime de menor potencial ofensivo; que era pouco denunciada por conta do medo que as mulheres tinham por serem dependentes financeiras de seus agressores; ou por não terem para onde ir caso fizessem a denúncia, após a lei

11.340 ser sancionada -Lei Maria da Penha- esse crime foi visto com mais seriedade e punido com mais eficácia, protegendo as mulheres e sendo inovador em todos os sentidos.

Toda mulher, independente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade, religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (Art.2º da Lei nº11.340/06).

No caso da violência contra a mulher, o chamado feminicídio adentrou na sociedade, nomeando os homicídios que os homens cometem contra as mulheres apenas por elas serem mulheres, somente em 2017 foram mais de 90.000 mulheres que sofreram feminicídio no mundo todo, o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de Feminicídio e de acordo com dados do IBGE no Brasil uma mulher sofre feminicídio a cada 7 horas e no mundo, de acordo com os dados da ONU, cerca de 137 mulheres por hora. A seguir será apresentado um gráfico demonstrando os números de feminicídio no Brasil:



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2016)

É visível que os índices de feminicídio no Brasil ainda são altos, evidenciando a vulnerabilidade feminina.

Uma das vítimas do feminicídio no Brasil, foi a vereadora Marielle Franco¹³, socióloga e política brasileira, foi assassinada no dia 14 de maio de 2018 no Rio de Janeiro, ao sair de um debate promovido pelo Psol¹⁴ por volta das 21 h, seu carro foi seguido e abordado e foram efetuados 13 tiros, onde 4 acertaram a vereadora e 3 acertaram seu motorista, os dois morreram imediatamente, apenas uma segunda passageira que estava junto a eles no carro conseguiu sobreviver. Foi considerado um feminicídio político, pois ela representava e representa uma figura que ameaça os poderes políticos que são associados às máfias do Rio de Janeiro, esse crime chocou o Brasil e o mundo e até hoje possui muitas perguntas sem respostas, a maior delas é "Quem mandou matar Marielle Franco?".

Marielle representava e defendia muitas causas, era uma vereadora dedicada, uma mulher negra criada na favela que lutava pela igualdade racial, uma feminista que se dedicava a luta pela igualdade de gênero e que fazia parte do movimento LGBTQIA+, defendia a liberdade sexual e tinha como companheira a arquiteta Monica Benício, com quem se relacionava desde 2004. Por esses e outros motivos ela ganhou as eleições com a maioria dos votos e também se tornou uma grande ameaça para alguns políticos e alvo desse ato desumano de violência, sua morte marcou a sociedade e ela recebe homenagens pelos seus feitos.

Vivemos no mito da democracia racial, mas há uma cor de quem é violentada, de quem morre, de quem está preso. Esse debate é fundamental e nos pauta. (FRANCO, Marielle, 2017)

No dia 12 de março de 2019, dois dias antes de sua morte completar dois anos, dois policiais foram presos por serem acusados de cometer, os ex-policiais militares: Ronnie Lessa foi apontado como o autor dos disparos e Élcio Vieira de Queiroz seria o motorista do carro usado no crime. Eles foram condenados por homicídio qualificado e tentativa de homicídio, devido a assessora da vereadora que sobreviveu aos tiros, porém nunca foram mencionados os mandantes do crime e até hoje eles continuam impunes pelo assassinato da vereadora.

Outra grande mulher que tem grande influência atualmente, é Luiza Trajano, Presidente do Conselho e dona de uma grande empresa de

13 Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (Psol), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, durante a eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação da cidade.

14 Evento promovido pelo Psol juntamente com jovens negras na Casa das Pretas, espaço coletivo de mulheres na Lapa, local que Marielle fez seu último discurso.

eletrodomésticos, moveis e diversos outros produtos. Luiza é considerada uma das mulheres mais influentes e ricas do Brasil, ela já ganhou diversos prêmios relacionados a sua empresa e ao fato de ser uma mulher que se preocupa com as questões sociais. Seus tios criaram a magazine Luiza e ao verem a capacidade e força de vontade de sua sobrinha, passaram o comando da empresa para ela que não só conseguiu manter a empresa em funcionamento como também tornou a mesma uma das maiores organizações do Brasil, ganhou prêmios por excelência em atendimento e Liderança, fez de sua empresa um ambiente familiar que é considerada uma das melhores e empresas para se trabalhar atualmente. Ela começou muito cedo a trabalhar na empresa de seus tios, exerceu diversas funções e cargos, desde vendedora a gerente e foi isso que fez com que seus tios lhe confiassem a liderança da empresa, logo Luiza tomou a iniciativa de fazer mudanças na mesma, escolhendo nomes e permitindo que fosse feita uma votação pelos próprios clientes de como a empresa deveria se chamar, sendo o nome escolhido ao final da votação Magazine Luiza. A empresa familiar hoje tem como CEO Frederico Trajano, o filho de Luiza, a empresa já está na terceira geração e seguirá assim, pois o filho de Frederico já está tendo o devido treinamento para um dia ele tornar o CEO da empresa. Luiza presa pela igualdade de oportunidades e se conscientiza com várias outras causas, ela é uma figura pública e também participa de questões políticas, ela foi convidada por .Oilma a ser a presidente do Conselho Público Olímpico (CP0)¹⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados é perceptível como o movimento feminista e a luta das mulheres influenciou em acontecimentos históricos que marcaram não só um país como o mundo inteiro, houveram acontecimentos que são lembrados até hoje e que recebem grande reconhecimento pela sociedade. A luta das mulheres se estende a séculos e continuará assim até a desigualdade ser vencida e todos possam viver seus direitos igualmente. O feminismo está ligado a todos os direitos conquistados pelas mulheres, e principalmente está ligado à participação delas na política e em areas profissionais, a busca pelo direito de liderar e ter seu espaço veio se espalhando pelo mundo desde os primeiros movimentos feministas.

15 O Conselho Público Olímpico é o órgão mais alto do organograma do evento. Ele reúne as principais autoridades envolvidas nos Jogos, como o governador Luiz Fernando Pezão, o prefeito Eduardo Paes e os principais dirigentes do comitê organizador Rio 2016.

Dado o exposto, vemos toda uma história de luta e perseverança das mulheres por direitos simples, como o direito a educação, ao respeito, a segurança, a oportunidades e a igualdade, vemos como a sociedade machista e patriarcal tentou oprimir e calar sua voz, porém, dentro das mulheres o feminismo só continuou crescendo incontrolavelmente, nem a morte ou ameaças foram capazes de parar as mulheres que acreditavam em uma vida mais justa e menos submissa aos homens, tentado mostrar a todo momento que eram capazes de ter sua própria voz e serem líderes, enquanto homens estavam exercendo grandes cargos, tanto políticos como profissionais, as mulheres trabalhavam em situações horríveis e desumanas e isso acarretou nos primeiros movimentos feministas pelos seus direitos, esse fato acendeu uma chama nas mulheres que viriam a se tornar grandes influenciadoras dessa causa.

Este trabalho possibilitou conhecer de forma profunda sobre as dificuldades das mulheres na liderança de organizações, é um fato incontestável que as mulheres passavam e ainda passam por situações ridículas de machismo, onde rebaixa-las é o principal objetivo. As ameaças, injustiças, dificuldades e os abusos sofridos pelas mulheres são as principais dificuldades delas, passar por essas situações e ainda ter que conciliar o trabalho e a família é árduo e exige grande força de vontade e coragem para ser executado, é evidente que a mulher teve que aprender a fazer a separação do ambiente de trabalho e pessoal, pois esses dois não devem se misturar.

Os movimentos realizados pelas mulheres foram de grande importância para que ganhassem voz e posições mais elevadas na sociedade, toda luta e perseverança serviu para que fossem tratadas com seriedade e não como piadas para os homens que acreditavam na sociedade patriarcal e que a mulher era um ser inferior de baixo intelecto, cada vez mais elas foram conquistando seu espaço e tiveram grandes evoluções devido o movimento feminista. Com o passar dos séculos todas as conquistas, mesmo as mais pequenas, somaram para que atualmente as mulheres pudessem desfrutar de seus direitos, o processo para tais conquistas foi lento e doloroso, e continuam sendo, porém nos dias de hoje a luta não é mais tão oprimida, a sociedade masculina está se tornando cada vez mais um apoiador do movimento e não um empecilho.

Em decorrência dos movimentos feministas, os homens passaram a ser mais flexíveis e até a apoiar e acompanhar o movimento feminista, na política os homens começaram a incentivar mais as mulheres e a criar leis de proteção contra mulher, porém, essas conquistas ainda desagradam certa porcentagem de homens que não suportam a ideia de a mulher ser capaz de ser tão boa quanto eles, muitos cometem atos violentos contra as mesmas e por muitas vezes saem impunes disso, atualmente é mais uma das grandes lutas femininas não permitir que homens saiam impunes e que nada seja feito em relação a isso. Muitas mulheres são abusadas sexualmente ou são assassinadas por homens pelo simples fato de serem mulheres ou por possuírem poder, algo que é abordado todos os dias nas instituições de ensino.

Muitas mulheres se tornaram ícones do movimento feminista, elas

foram ou são filosofas, ativistas, feministas e intelectuais, muitas tiveram fins trágicos, muitas deixaram sua marca histórica e são lembradas até os dias atuais e muitas continuam na luta pelos seus direitos, se tornando escritoras e mulheres poderosas, para que assim mostrem ao mundo que os direitos iguais podem e devem ser uma realidade na sociedade e que a luta não deve parar.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **Segundo sexo**. Difusão europeia do livro, 4ª edição, ago. 2011.

BRASIL. **CÓDIGO DE DIREITO PENAL**, Brasília, DF, 2006.

FONSECA, Letícia. **Luiza Helena Luiza: conheça a história da empreendedora brasileira presidente do Magazine Luiza**, 30 de set. 2017. Disponível em: <<https://rockcontent.com/luiza-helena-trajano>>. Acesso em: 01 de dez. 2021.

FORÇA SINDICAL. F Sindical. **A histórica luta das mulheres**. Secretaria/mulher [2015?]. Disponível em: <<https://fsindical.org.br/a.historica.luta.das.mulheres>>. Acesso em: 15 de out. 2021.

GROSSI, M. P.; MIGUEL, S. M. **Transformando a diferença: as mulheres na política**. [2015?]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/mulheresnapolitica> > Acesso em: 2 de dez. 2021.

GROSSI, Míriam Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros; **Transformando a diferença: as mulheres na política**. Rio de Janeiro, 2001.

LIMA, José Bruno. **O mapa do feminicídio no Brasil**. Brasil de fato. São Paulo, 2018.

POLITIZE, politize. **O que você precisa saber sobre a Lei Maria da Penha**, 2015. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lei-maria-da-penha-tudo>>. Acesso em: 22 de out. 2021.

PORFÍRIO, Francisco. **Movimento sufragista**. Mundo educação, 2016. Disponível em: <<https://mundoeducação.com/movimento-sufragista>>. Acesso em: 20 de out. 2021.

SARDINHA, Edison. **O relato de Dilma sobre a tortura**. UOL/ Congresso em foco, 2020. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/orelatodedilma>>. Acesso em: 25 de nov. 2021.

SIMÃO, José Fernando. **A luta e a batalha do divórcio (parte 2)**. Revista Consultor Jurídico. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/Processo-familiar>>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

SORIANO, Alzira. **Mulheres de luta**, 2021. Disponível em: <https://mulheresdeluta.com.br/alzira-soriano>. Acesso em: 18 de nov. 2021.

SOUZA, Renata. **Femicídio político de Marielle Franco**. El país, 2019. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/femicidiodemarielle>>. Acesso em: 15 de nov. 2021.